

Um relato de gratidão: a extensão como prática profissional

Thaís Teixeira da Silva¹

Falar de extensão para mim é falar com alegria e gratidão. Digo sempre que a extensão nos deixa felizes e gratos pelas jornadas que cruzamos e pelos aprendizados que elas nos proporcionam. Isso não minimiza o trabalho comprometido e engajado necessário ao exercício do extensionista. Quando recebi o e-mail convidando a dar meu relato sobre a minha trajetória extensionista no IFRS, meus olhos brilharam e o coração pulsou. Que legal esse reconhecimento, que estendo às parceiras e aos parceiros dos muitos projetos e ações que realizamos ao longo desta mais de década de trabalho no IFRS. Cito alguns, mais constantes desta trajetória. A presença deles, bem como de estudantes, é condição *sine qua non* sem a qual um projeto de extensão não pode se dar de forma integral e plena. Neila, grande parceria angariada nos últimos anos, no Observatório da Comunidade; Pedro Sales, Tia Nice, Almerinda, Guaneci, seu Ventura, André de Jesus, Cláudia Gaya, Mahira, Kathielly, Salete, Cris Machado, Jaque, Cláudia Cruz, entre tantas e tantos outros que é difícil mencionar. Os cito por serem demasiado presentes nesta trajetória, não apenas como público-alvo do meu fazer extensionista, mas como parceiros no pensar, propor e realizar ações necessárias junto à comunidade externa e interna, numa formação recíproca entre os diversos saberes que estão no mundo: o popular, o comunitário, o acadêmico, entre outros.

Ao mesmo tempo que falo com alegria, não deixo de sentir um certo sentimento de uma responsabilidade meio não cumprida. Penso sempre no potencial que nossos cursos, que nossos estudantes, têm de atuação junto às nossas comunidades. Estar nas comunidades, pensar junto a elas soluções dialogadas, colocando em prática os conhecimentos científicos adquiridos têm um potencial transformador de realidades, mas também da própria formação do estudante. Não é por nada que a extensão é um dos tripés das instituições de educação públicas e que adquire um contorno mais pontual nos IFs, desde a sua criação. Esse é um dos maiores aprendizados que tenho nesta caminhada, o quanto nossa experiência educativa transforma, a nós, aos nossos estudantes e às nossas comunidades. É uma experiência não apenas acadêmica, mas de vida, pessoal e profissional. Difícil de traduzir em palavras sua potência transformadora.

Minha jornada na extensão começou no *Campus* Bento Gonçalves, local que trabalhei entre 2008 e 2010. Em 2009, realizamos diversas ações comemorativas aos 50 anos do *campus*. Reinauguramos a Enoteca, fizemos uma festa de aniversário, com show de fogos de artifício e coquetel na vinícola. Foi lindo ver aquele espaço iluminado recebendo estudantes, servidores, a comunidade externa, e antigos estudantes e servidores que haviam passado pelo *campus*. Realizamos um concurso de Hino do *Campus*, no qual o colega Adriano Noble Castilho teve sua composição vencedora. Ainda em

¹ Produtora cultural do IFRS desde 2008, com atuação no *Campus* Bento Gonçalves (2008/2010) e no *Campus* Restinga (2010-atual) e brevíssima passagem pela Reitoria (2010). Admiradora e praticante da arte de extensionar. Lattes (em construção): <http://lattes.cnpq.br/7533956672454325>. E-mail: thais.silva@restinga.ifrs.edu.br

2009, participei pelo IFRS da organização do Fórum Social Mundial da Serra Gaúcha, em parceria com diversas entidades.

Quando surgiu a oportunidade de trabalhar no *Campus Restinga*, tive minhas dúvidas. A Restinga é um bairro conhecido em Porto Alegre não pelas suas conquistas, que são inúmeras, mas nas páginas policiais dos jornais. Quando conheci melhor a sua história e a história das pessoas que moram nesta comunidade não tive mais dúvidas quanto aonde eu gostaria de trabalhar. Desde o começo sempre tivemos um trabalho bastante próximo e orgânico com a comunidade do bairro. Eles, na realidade em sua maioria elas, trabalharam fortemente para que estivéssemos ali naquele lugar e pudéssemos de alguma forma auxiliar aquela comunidade a contar a sua história do seu ponto de vista. Assim, nosso *campus* praticamente nasceu dentro de uma prática extensionista, fortemente planejado e implantado em parceria com essa comunidade bastante guerreira, mas bastante violentada pelos poderes públicos, seja pela ausência destes ou pela violência com que comparecem no território.

Uma das falas que marcaram muitos de nós, servidores, foi a da Maria Salete, liderança local, grande parceira de ações para o que der e vier, uma pessoa de um conhecimento inestimável de vida. Ela disse que não gostariam que nossos servidores fossem ETs, que chegavam em suas naves no *campus*, com suas jaquetas e suas botas, totalmente alheios à realidade local, mas que pudessem ser parceiros da comunidade, aliados da luta para que os jovens, agora nossos jovens também, do IFRS, pudessem ter oportunidades e perspectivas que não fossem as mesmas de sempre, as que os faziam estar cotidianamente nas páginas policiais. Este relato marcante, dentre tantos outros, não tem



📍 **Figura 1.** Primeira aula do Curso do Programa Mulheres Mil.

Fonte: Acervo Comunicação IFRS/Restinga (2013)

como não marcar o coração. Estar na Restinga não é apenas um trabalho como outro qualquer. É algo que vai além. Esta comunidade tão vulnerabilizada demonstra uma força e um conhecimento que não se angaria nos bancos das universidades, mas são forjados nas experiências que a vida e a comunidade vão talhando ao longo dos anos e no percorrer dos espaços.

Desde então a extensão meio que nasceu comigo enquanto nascia o *Campus Restinga*. Ao longo desta trajetória de pouco mais de uma década, submeti 33 ações no sistema de extensão do IFRS (confesso que algumas ações ficaram de fora deste cadastro) e orientei diversos estudantes como bolsistas e como voluntários. Trabalhamos com escolas do bairro, comunidades, instituições parceiras. Destas ações, duas foram bastante marcantes para mim: os cursos do Programa Mulheres Mil e o Programa Observatório da Comunidade.

Tive a oportunidade de coordenar o Programa Mulheres Mil e sua implantação ao longo do ano de 2013 enquanto estava na coordenação de Extensão do *campus*. Foi uma experiência de intenso aprendizado e de muito trabalho articulado e engajado junto à comunidade. Nesse ano, antes da implementação do programa via Pronatec, os cursos tinham um princípio quase vocacional da instituição. Trabalhamos desde o princípio bastante articulados com a comunidade, desde a escolha dos cursos que atendiam as demandas que estavam postas no território e pelo público que seria atendido. Consideramos, também, as condições que tínhamos naquele momento, de ampliação da nossa estrutura e dos nossos cursos, pois ainda éramos um *campus* em implantação, para a oferta destes cursos. Foram definidos os cursos de Camareira Hospitalar e de Auxiliar Administrativo. Ao

tudo, ofertamos 50 vagas, 21 para o primeiro e 29 para o segundo. Trabalhamos com a adesão de servidores para as aulas e com parcerias externas. Contamos com o auxílio na nossa Assistência Estudantil para os encaminhamentos que são necessários quando se trabalha com mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Nossas estudantes realizaram estágios junto a hotéis de uma rede parceira e junto aos setores do *campus*. Ao longo desta jornada de 3 meses, também tivemos espaço para a música, para confraternização, para trocas e aprendizados mútuos com as trajetórias de cada uma e também para algumas “tretas” entre as mulheres mil! Não poderia faltar, com certeza. 41 estudantes concluíram os cursos, uma taxa de mais de 80%. Além da alegria de tê-las conosco ao final da trajetória, foi indescritível perceber a diferença que esses 3 meses fizeram em suas aparências, mas mais ainda na vida destas mulheres.

Cerca de um terço delas entraram para cursos do nosso *campus* ou foram finalizar a EJA fundamental em escolas do bairro e depois voltaram a estudar conosco. Muitas seguem estudando conosco em cursos superiores, depois de cursarem o Proeja. Aqui o aprendizado é de que a Extensão, além de levar o conhecimento e a prática acadêmica a transformar o mundo lá fora, leva a abrir portas deste nosso mundinho restrito da academia a comunidades que se sentem alijadas ou que são historicamente excluídas dos nossos processos educacionais. A Extensão é o caminho direto que a instituição tem com a comunidade, ao mesmo tempo que temos a oportunidade de fazer nossos



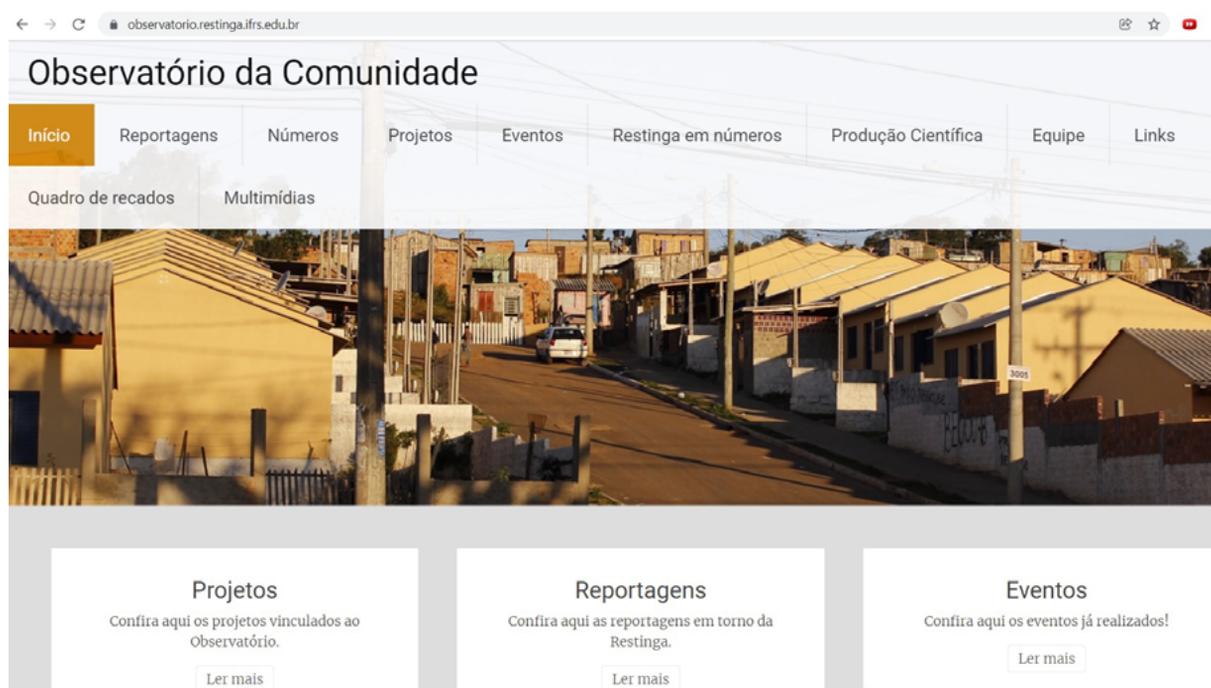
↑ **Figura 2.** Formatura dos cursos do Programa Mulheres Mil.

Fonte: Acervo Comunicação IFRS/Restinga (2013).

estudantes e nossos servidores refletirem sobre como seu conhecimento pode se traduzir em diferença. É uma troca em que todos ganham. Não existe quem perca em um processo extensionista comprometido e engajado. Como desdobramento ainda desta ação ofertamos na sequência um curso intensivo de Informática aplicado ao Auxiliar administrativo, a fim de complementar a formação das nossas Mulheres Mil.

A outra experiência que quero destacar teve início também em 2013, enquanto estava na coordenação de Extensão. Na realidade, mais precisamente, nas assembleias relacionadas às eleições para direção-geral que ocorreram

no final de 2012, em que tivemos a presença da comunidade. Em diversos relatos, antes e durante esse período, escutamos da comunidade como eram sempre objetos de pesquisa e nunca sujeitos e poucas vezes tinham retorno dos resultados das pesquisas com as quais tinham contribuído, seja como entrevistados seja como colaboradores. Daí surgiu o programa Observatório da Comunidade. Uma ação nascida no setor de Extensão, que inclusive contava com servidores dedicados a este trabalho, mas que ao longo dos últimos anos acabou sendo conduzida a uma ação proposta por servidores e deixando de ter investimento da gestão. O Observatório da Comunidade tem como objetivo estabelecer um espaço de interação dialógica permanente entre a comunidade e o IFRS em dois eixos principais de atuação: a partir da constituição de um repositório virtual de informações (dados, estudos, história, etc) produzidos sobre e pela comunidade do bairro Restinga; e na promoção de formação e interlocução entre os variados tipos de saberes e a comunidade, a partir de metodologias diversificadas, buscando ser um instrumento na articulação mais orgânica do diálogo promovido entre as ações institucionais, de ensino, pesquisa e extensão, e os grupos comunitários.



📌 **Figura 3.** Capa do site do Observatório da Comunidade. Fonte: Observatório da Comunidade (2019)

Começamos a implementar a ação ao longo do ano de 2013 e 2014, com realização de rodas de conversa com a comunidade interna e externa do *campus*, capacitações com o ObservaPoa, observatório de Porto Alegre, e levantamento de dados de outros observatórios. Delineamos a proposta e passamos a trabalhar na construção de um site com dedicados bolsistas de monitoria localizados no setor de Extensão. Do final de 2015 a 2018, o projeto ficou sob a coordenação de outro colega servidor que realizou também inúmeras ações, como implementação do site, publicações e outras ações. Em 2019, por circunstâncias da equipe do projeto, retornei à coordenação da proposição da ação. Nesse ano, começamos a migrar o site que estava em “html” para o “wordpress”, a fim de possibilitar maior acesso que não requeresse conhecimentos em programação para atualização do site. Hoje temos os dois sites no ar ainda, o novo observatorio.restinga.ifrs.edu.br e o anterior observatorio2.restinga.ifrs.edu.br.

Também passamos a trabalhar com a memória e com a história narrada pelos moradores do bairro. Realizamos oficinas de entrevistas para história oral, divulgamos estudos, pesquisas e ações realizadas sobre o bairro, realizamos anualmente o Festival de Saberes Comunitários, que tem como objetivo dar visibilidade às trajetórias de pessoas de reconhecido saber na comunidade através de realização de oficinas abertas à comunidade. Fizemos rodas de conversa, levantamento e cadastro de entidades, trabalhamos com capacitação para Lei Aldir Blanc, levamos o projeto a escolas e entidades do bairro. Realizamos formações pedagógicas que trabalhavam a questão do território e da comunidade.

Hoje o Observatório da Comunidade é uma ação de extensão consolidada que tem como perspectiva principal ampliar seu escopo de atuação bem como o número de servidores e estudantes envolvidos, além de ampliar a participação da comunidade na equipe do projeto. Um dos maiores aprendizados retirados desta experiência é de que o coletivo é potência. Nenhuma destas ações seria possível sem a presença e a contribuição engajada de outras pessoas, desde servidores, estudantes e a comunidade externa até os parceiros. Aprendemos, ainda, que é necessário que nossas ações de extensão tenham



📌 **Figura 4.** Oficina Pessoa de Brum. Fonte: acervo pessoal (2019)

o estímulo institucional para além dos editais de fomento para que possam ser postas em todo seu potencial de transformação: espaço para o diálogo; conhecimento de com quem se conversa, tempo de dedicação, encontros dialógicos, avaliações constantes e escuta sensível.

A extensão traz em seu bojo um duplo movimento: à medida que fornecemos subsídios para o desenvolvimento das comunidades, a partir delas podemos redefinir processos e objetivos institucionais, com impacto

em novas pesquisas, novos cursos, novas formas de trabalhar nos cursos existentes que possam produzir novos resultados, constituindo-se em mais uma das formas do aprimoramento e do desenvolvimento da nossa instituição e do nosso fazer-saber.



📌 **Figura 5.** Festival de Saberes Comunitários.
Fonte: Acervo Comunicação IFRS/Restinga (2019)